

A Sr.<sup>a</sup> D. MARIA LUÍZA SILVA Y FERNANDEZ DE HENESTROSA, noiva do infante D. Fernando de Hespanha  
(Cliché Dalton Kaulak — Madrid)

II Série—N.º 431

# Ilustração Portuguesa

Lisboa, 25 de Maio de 1914

DIRETOR E PROPRIETÁRIO J. J. DA SILVA GRAÇA  
EDITOR: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Assinatura para Portugal, colónias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão  
RUA DO SÉCULO, 43



Trimestre..... 1820 cent.  
Ano..... 4880 cent.

Semestre..... 2640 cent.  
Número avulso. 10 cent.



## VINOLIA



Sabonete Vinolia é optimo para o banho e toilette.

Dá uma espuma perfumada e emolliente que limpa a pelle, deixando-a macia e fresca. Alem das suas propriedades suavisantes e embelezadoras, tem um aroma agradabilissimo e delicado.

VINOLIA CO. LTD.,  
LONDON-PARIS.

V. 01



## Banhos Salinos Rheinfelden

A 20 MINUTOS DA BASILEA (SUISSA)

◇ ◇ E A 1 1/2 HORA DE ZURICH ◇ ◇

**Aguas cloreladas-sodicas, as mais mineralisadas do continente**

Estancia ideal para familias. Magnifico conforto. Grande parque. Excelente orchestra. 3 Tennis. Preços modicos. Peçam prospectos. Grande Hotel das Salinas, no parque.

## Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica só uma Qualidade

**A Melhor**

Para obtel-a exigir esta Marca

e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



## Colegio Nacional SANTAREM

Internato de 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte applicada, etc., etc. ◇ ◇ ◇

Rua do Ouro  
450  
Esquina R. S. Nicolau  
Sucesso 1 do  
LISBOA



TELEPH. 1752

## DR. PEDRO MARTINS ADVOGADO

RUA AUREA, 242, 1.º ◇ TELEPHONE 2330

### Belas Artes

Os factos dominantes da semana foram o congresso da Figueira, em que se votou a limitação das prerogativas do presidente da Republica e a eliminação do Senado,— e a abertura da Exposição de Belas Artes, onde, n'uma luz doirada de «atelier», se admiram



algumas obras primas de pintores e de esculptores portugueses. Nas incertezas da hora presente, quando a paixão politica parece dominar e perturbar os espiritos, todos nós temos o dever de expressar o nosso reconhecimento a essas duas duzias de artistas, verda leiras forças vivas de beleza, que nos trazem, com o esplendor da sua arte, a esperança n'uma resurreição integral das energias nacionaes.

### S. Luiz Braga

Completo na sexta-feira ultima vinte anos o antigo Teatro D. Amelia, hoje Teatro da Republica. Ha vinte anos que por aquella casa passam, desde o genio escultural de Zacconi até á delicadeza infinita de Charlotte Wiehé, desde o assombro histriónico de Novelli até ao kimono de prata da Sadda Yacco, desde a dór convulsa da Duse até ao riso cosmopolita de Ivette Guilbert, desde o violino de Kubelick até ás mitras doiradas dos orfeons russos, todas as grandes figuras que tem produzido a arte moderna nos paizes hiper-civilizados. Ha vinte anos que o palco do Teatro da Republica é uma lição permanente de beleza. Quando se fizer o balanço da cultura nacional n'este principio de século, o nome do visconde de S. Luiz Braga ficará entre o dos primeiros educadores do seu tempo.

### Uma ninhada

Em Palermo, uma pobre mulher, expressão viva da fecundidade, flancos admiráveis que mereciam a gloria imortal d'um mármore gre-

go, acaba de dar á luz cinco filhos d'um só ventre. Depois d'este populoso parto, não é bem o estado de saude da mulher que nos interessa;—é o estado de saude do marido. Procurámos noticias nos jornaes italianos. De facto, o marido d'esta Hecuba fecunda, quando viu surgir o primeiro filho dançou de ale-



gria; ao aparecer o segundo, imobilizou-se de pasmo; quando veiu o terceiro, amarrou as mãos á cabeça e desatou a gritar como doido; ao nascer o quarto, foi preciso vestir-lhe um colete de forças; quando surgiu o quinto, caiu com uma sincope. Se tem tido mais outro filho,— a pobre mulher ficava viuva.

### Feira de Agosto

—«Mais c'est un pays de sauvages!»— dizia me hontem, na feira de Agosto, um estrangeiro illustre. E referia os



casos do ferro-via-rio que atingiu com dois tiros de revolver o engenheiro Santos Viegas e do estivador que despejou uma Browning sobre o commandante Cura. Não. Se ha povo docil, generoso e bom, é o nosso. Semelhantes factos são expressões locaes de uma crise geral, que se faz sentir, com a mesma intensidade, em toda a Europa. A falencia da grève como fórma de reivindicação operaria está dando, por toda a parte, o atentado pessoal. Crimes d'esta natureza não teem patria. O povo portuguez—mostrei-o ao estrangeiro que me acompanhava—era aquilo, aquella massa humana, rissonha e paciente, infantil e boa, que se acotovelava e rumorejava nas ruas de uma feira.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

# A moura Saluquia

(LENDA ARABE)



lha elevava-se das bandas do Levante, pondo um orvalho de prata nas campinas frescas e perfumadas que circumdavam a pequena povoação de Arucci-a-Nova.

N'uma ponta da vila arabe emergia, n'uma soberana altivez, a formosa torre circular em

cujo mirante flutuava o pavilhão sagrado do Islam. Sobre as ruínas da antiga fortaleza mourisca que as hosfes cristãs de Afonso Henriques haviam feito arrazar, após um combate heroico com os sarracenos, o chefe arabe Buacion, companheiro d'armas de Miramolim Abinussuf, — o agareno audaz e feliz que aos cristãos retomára parte das suas conquistas em terras alentejanas, no reinado de D. Sancho I, — fizera construir o novo castelo, fortificando-o poderosamente e cedendo-o como dote a sua filha Saluquia, que ali governava como «alcaldessa» (\*). Saluquia era uma moura formosissima, sonhadora e supersticiosa como uma boa crente do «Alkorão». Languidamente encostada á muralha do minarete, Saluquia fitava, n'um extasi, o palido globo, cuja luz a envolvia n'uma tunica de suavissima alvura, fazendo incendiar em centelhas de cristal as riquissimas joias que lhe matizavam a cabeleira negra e ondulada, e o colo branco d'uma modelação perfeita.

E os momentos corriam sobre aquele recolhimento espiritual e misterioso. Fatima e Zuleima, as diletas companheiras, olhavam com fraternal ternura o perfil esbelto de Saluquia, a querida princeza-irmã, prodiga de sinceridade e de carinhos para com todos, que já-mais sentiram a altivez sobranceira da senhora a recordar-lhes a humilhante condição de escravos. Por isso Saluquia era adorada na sua pequena côrte.

Todas as tardes, mal o sol se escondia para as bandas do mar, a bela moura e a sua comitiva subiam ao minarete, e ali, então, estendendo a vista até ao circulo escuro do horizonte de serranias, passavam largo tempo desfiando lendas de guerra e de amor até á hora solene da oração a Allah, que os labios murmuravam n'uma prece de fé vinda do intimo com tal elevação e misticismo, como se fóra a propria alma a evolvar-se atravez da supplica religiosa.

Cortando o silencio, Fatima, a moura de olhos azues, disse:

— Saluquia, quando a lua tiver beijado as ondas do mar e o sol abrir de novo as portas do oriente, o teu noivo estará entre nós...

— Que Allah o permita, Fatima.

— E porque estás tão triste? perguntou Zuleima.

— Por muito o amar, replicou Saluquia, e por muito temer, acrescentou n'uma acentuação de vaga e sombria tristeza.

— Allah protege-o, e os cristãos estão muito longe, exclamou Fatima n'uma afirmação cheia de confiança.

E Zuleima, a linda morena filha de Granada, estendendo o braço na direção do oriente, procurou indicar um ponto vago e impreciso.

— E' por ali o caminho; conheço-o bem. Por ele

me trouxe teu pae, como cativa. Saluquia elevou-se e fitou com anciadade o sitio que Zuleima queria determinar, e dos seus olhos negros parecia sair uma cintilação de esperança, que a crença misteriosa de um extranho fatalismo não conseguiu amortecer nos primeiros instantes. No entanto, Saluquia pensava, por vezes, que era infantil e injustificado aquele receio pela sorte do seu noivo, o principe mouro Brafama, alcaide e senhor do castelo de Arucci-Vétus (hoje a vila hespanhola de Aróche).

Brafama enamorára-se perdidamente da filha de Buacion e obtivera a permissão para os esponsaes. Saluquia correspondia-lhe com paixão cheia de fidelidade, e uma aurora de amor que despertava nas duas almas crescia em apoteose de intenso desejo e suprema dedicação. Era esta a sua ultima noite de virgem. A madrugada que dentro d'algunhas horas iria despontar traria envolta n'uma poeira de ouro a figura adorada de Brafama, o prometido esposo, o estremecido idolo da sua imensa religião de mulher enamorada, a florir na primavera dos vinte anos. A brisa noturna vinha recendendo ao perfume suave das laranjeiras foadas de branco e das roseiras em flôr, como n'um delicioso consorcio aromatico, que tornava a atmosfera tepida e languida d'aquella noite de maio n'um devaneio sensual que embalava o coração e embriagava os sentidos. Saluquia, d'olhos semi-cerrados, abandonava-se á lubrica visão que o seu candente amor formava de extranhas e caprichosas alucinações. Parecia que a figura musciosa e varonil de Brafama a estreitava docemente junto ao peito, encantando-a n'uma musica de promessas venturosas que a alma ingenua acolhia alvorçada e receosa. Este prurito intimo que ela gozava em silencio era d'um perturbador enervamento, calmo e absorvente. Apenas, de espaço a espaço, rapidos clarões de sinistra superstição fulguravam como centelhas d'um rubro e sangrento colorido n'um céu tranquilo de serena esperança. N'esses momentos o coração apertava-se n'uma contração de dôr, o rosto afogava-se n'um rubro de anciadade, e esta impressão torturante d'uma amargura horrivel vinha a cristalisar-se n'algunhas lagrimas que tombavam dos olhos formosissimos, n'uma cintilação brilhante.

Fatima, confrangida do sofrimento injustificado de Saluquia, e para a distrair d'aqueles temores vagos, principiou uma narrativa de aventuras, uma das muitas fantasias infantis que a sua alma em criança recolhera, como herança lendaria da velha escrava Zára, que havia anos Allah chamára a si, talvez para ouvir os contos lindos da velha moura.

Dez leguas separavam «Arucci-Vétus», a terra do noivo da Saluquia, da povoação onde esta governava como «alcaldessa», distancia que se percorria no espaço de uma noite, de mais a mais quando o acicate do desejo havia de «sporear o cavallo de Brafama n'uma galopada alegre para a felicidade.

Ao cair da tarde, Brafama e os seus deixaram «Arucci-Vétus» e puzeram-se a caminho n'uma caravana resplandecente de luxo e venturosa galhardia. Era uma cavalgada brilhante, em que os raios do sol na agonia d'aquella tarde punham fulgurações de luz sangrenta no reflexo rutilo das pedrarias dos turbantes dos cavaleiros e dos arreios riquissimos dos corceis. Brafama, á frente, o manto de purissima alvura sobre o arcação forte e esbelto, levava frequentes vezes a

(\*) «Alcaldessa», feminino de «alcaide». «Alcaide» quer dizer governador e deriva do arabe «cahad», que tem o mesmo significado, sendo «ai» o artigo. D'onde «alcahad» transformado em «alcaide». Entre os mouros o alcaide tinha o governo da guerra e da justiça.

mão sobre os olhos, procurando vêr através dos raios do sol que se escondia na direção do mar, a torre amada de Saluquia, quando alguma elevação de terreno mais favorável, lhe permitisse divisar a sombra minúscula do castelo, que a alma ha muito entrevia antes que os olhos podessem enxergar. Mas as sombras da noite vieram envolvê-los, e enquanto o globo rubro se escondia sob o dorso das serranias do ocidente, a lua vinha saudal-os, trazendo-lhes na sua luz, as preces e os desejos que Saluquia e as suas damas lhe confiavam, para os deixar cair, como amorosa mensageira, sobre Brafama e os cavaleiros da comitiva nupcial. A noite ia avançando, e a caravana, a quem a fadiga de um rápido trotar foi amortecendo lentamente o ardor festivo, caminhava silenciosamente, quebrando o éco solitário dos vales com o ruído estrepitoso de um tropel apressado, cortado de vez em quando pelo relinchar alegre dos cavalos, nos quaes a espuma do cansaço punha manchas alvas sobre a cõr negra do pelo aveludado.

Das bandas do levante elevava-se já uma aragem ligeira e fria; as estrelas iam esmaecendo no fulgôr,

bilhão, deixando entrevêr armas reluzindo ao sol e pavilhões brancos com a cruz da Fé.

Brafama exclamou:—São os cristãos!...

—E veem para nós—disse um cavaleiro arabe, moço e destemido guerreiro para quem o fragôr dos combates tinha encantos e perigos que o embriagavam n'uma epopeia de heroismos; desembainhando n'um movimento rapido a lamina curva e brilhante, exclamou:—Vamos a eles!... Allah seja por nós—e atirou o cavallo n'mma correria doída ao encontro da morte. Brafama reconheceu o perigo inevitavel. Os cristãos estavam perto. Era um bando superior em numero aos cavaleiros sarracenos; tinham além d'isso, sobre elles, a vantagem de vir aprestados e armados para um combate, enquanto Brafama e os seus caminhavam para uma festa de nupcias. Era, portanto, a morte certa, fatal, irremediavel. Mas um crente de Allah nunca foge, e encára a morte sempre frente a frente. Palido, um pouco tremulo, os olhos quasi velados por uma neblina dolorosa de que coração lhe subia, Brafama encarou a sua gente e disse-lhe:

—Irmãos... é a morte. Allah assim o quiz. E ti-



e a porteira do oriente surgia em toda a lucilante beleza, deixando atrás de si um rasto palido que gradualmente ia enrubescendo e começando a transformar em cristaes doirados as pequenas gotas de orvalho que refrescavam a terra adormecida. Apenas uma legua separava Brafama de Saluquia.

O cortejo mourisco caminhava agora n'um vale lindissimo, despertando risonho e florido aos beijos do sol nascente.

umas colinas impediam ainda a visão querida do castelo da noiva.

Renascera o entusiasmo e a alegria, e a caravana galopava cheia de prazer, colhendo flores das arvores que orlavam o caminho, para as levar como saudações frescas e coloridas á cõrte de Saluquia. De subito os cavalos deram sinais de inquietação e receio. Relinchavam fortemente e mostravam-se agitados. Brafama estacou, e a comitiva fez alto.

Entreolharam-se todos surpêzços e indecisos. N'uma voz rouca de terror, um velho arabe, que seguia ao lado de Brafama, gritou—Além, e apontava com a mão tremula, uma nuvem de poeira que avançava em tur-

rando do peito uma rosa branca que colhera para oferecer á noiva, beijou-a demoradamente, e ao soltar os labios d'aquelle misterioso beijo, elevou os olhos turbos de lagrimas para o céu, agora fulgurante d'ouro, parecendo-lhe vêr no fundo azul, um castelo em festa, onde uma figura linda de mulher, branca como a lua e formosa como a estrela da manhã, que a sua vista ainda ha pouco namorara, estendia para ele languidamente o braço para receber a rosa em que os seus labios haviam deposto, como n'um puro relicario, toda a alma d'um imenso e infeliz amor.

Em seguida voltando-se para a comitiva disse n'um tom quasi de supplica:—Se algum se salvar, leve a Saluquia esta flôr, e escondeu-a sob o manto, junto ao coração.

Depois, n'um impulso rapido, renasceu o guerreiro, e sacando com energia o alfange, esporeou o cavallo a defrontar-se com o inimigo. Todos o seguiram com a mesma coragem e rapidez, e o cortejo de nupcias transformou-se n'uma cavalgada da morte. Os soldados da cruz eram comandados por dois irmãos, Alvaro Rodrigues e Pedro Rodrigues, dois heroicos combatentes que vinham assolando o Alemtio com o valôr de gloriosas façanhas guerreiras e com o exterminio feroz das hostes sarracenas. Chegou o momen-

o supremo. Os dois bandos acometeram-se com um urôr d'ódio e de vingança. Confundiam-se as imprecações selvagens dos discípulos do crescente com os gritos de morte dos defensores da cruz.

Alfanges e adagas fulgiam em crispações de fogo e em manchas vermelhas de sangue a refulgir no ódio. Os cristãos, ao fim de poucos momentos, levavam os moiros de vencida. Tinham a vantagem do numero e a preparação para a luta n'aquelle momento. Os arabes resistiram enquanto um sopro de vida lhes animou o braço rijo e destemido. Finalmente succumbiram todos. Alvaro Rodrigues matara Brafama, que tombou do cavallo murmurando palavras que os cristãos não puderam compreender.

Era preciso agora fazer o resto; tomar a vila de «Arucci-a-Nova». E Pedro Rodrigues lembrou um ardisso expediente que havia de surtir efeito.

Imediatamente os cadáveres foram despojados das vestimentas, que os soldados cristãos envergaram soltando gargalhadas e exclamações alegres. Alvaro Rodrigues quiz embrulhar-se no manto de Brafama, o seu adversario morto; um soldado trouxe-lho; envolveu-se n'ele meio enrolado, procurando ocultar as nodos vermelhas do sangue do sarraceno destacando-se como flores rubras sobre a alvura purissima e brilhante. E n'uma mascarada macabra e traiçoeira, o bando cristão encaminhou-se n'um galope rapido, para a vila mourisca, atrojando os ares com gritos de simulação festiva e exclamações arabes de saudação e alegria.

Ao divisar ao longe um turbilhão de poeira que avançava rapidamente, Saluquia e todas as escravas ergueram-se apressadamente n'um impeto de jubilo e curiosidade. Eram elles; em voz tremula ordenou que fôsem abertas as portas do castelo e que gente da sua côrte lhes fôsse prestar as honras da recepção.

Correram os mouros da pequena vila a franquear as entradas, enquanto sob o minarete, Fatima, Zuleima e a deslumbrante côrte feminina da «alcaldessa» preparavam um diluvio de petalas de rosas para caírem como beijos alados sobre o cortejo desejado de Brafama.

Os falsos mouros entraram como uma rajada de sangue nas muralhas em festa de Arucci-a-Nova. E no ar misturavam-se os ecos alegres das saudações dos arabes aos gritos de exterminio da legião cristã. Um grupo de agarens fugiu em direcção ao castelo a avisar Saluquia do traiçoeiro artil.

Era impossível a resistencia. A vila estava nas mãos dos cristãos, que continuavam a espalhar a morte n'uma sementeira de odio religioso, fatal e sanguinolento.

Saluquia teve n'um momento a visão rapida da tragedia. Pareceu-lhe vêr ainda o noivo enviando no sopro da agonia o beijo nupcial, que os inimigos transformaram n'uma lagrima rubra, a gelar na morte. A nuvem de fatalismo que pairára, como presagio, sobre o seu coração em toda aquella noite, convertera-se na tremenda tempestade de luto, assoladora como um furacão de dôr e de desgraça.

As mulheres arabes soltavam gritos e ajoelhavam, elevando as mãos ao ceu n'uma supplica de desespero e de fé. Lá fóra rugia, cada vez mais intensa, a onda d'aniquilação, saída das adagas dos soldados da Cruz, galgando n'uma galopada sinistra o curto caminho que conduzia ao castelo da governadora. Saluquia, figura palida e grandiosa n'esse drama horrivel, parecia lançar um estranho desafio á legião que a ameaçava, pela serenidade do porte que as lagrimas já não vinham sentimentalizar.

N'uma frase rapida, decisiva e firme, mandou que fossem cerrar as portas do seu castelo (ultimo reduto ainda não conquistado). E enquanto a ordem foi exe-

cutada passeava, serena e heroica de um a outro lado do minarete, afogando o olhar no sangue que corria em toda a povoação, envolta na prece extrema que os labios dolorosos das suas escravas enviavam a Allah, por suprema esperança d'almas perdidas.

Trouxeram-lhe as chaves momentos depois, quando ao castelo chegava a vanguarda dos irmãos Rodrigues. As portas estavam fechadas.

Era apenas um instante de demora, o tempo preciso para as forçar violentamente. E o trabalho começou reforçado d'aí a pouco pelos que vinham depois, atrojando os ares n'um ruído formidavel que cobria as vozes clamorosas dos sitiados, na sua crescente litania d'angustia. Saluquia subiu ao ponto mais elevado do minarete, apertando nervosamente n'uma das mãos as chaves da fortaleza, e n'um impulso rapido de valorosa resolução e heroismo, atirou-se no espaço. Um espantoso grito de dôr aflorou a todas as bocas:

— Saluquia! — e correram a debruçar-se á muralha do minarete. Na explanada do castelo, palida e linda com um fio de sangue a manchar-lhe o rosto n'um sulco de morte, ela lá estava guardando heroicamente nas mãos fechadas, n'uma crispação de energia que a morte petrificára, as chaves do castelo arabe, d'onde ia abater-se a bandeira rubra do Islam.

As portas ainda não estavam forçadas, e um dos cristãos ia arrancar brutalmente das mãos de Saluquia as chaves da fortaleza. Alvaro Rodrigues deteve-o. Fez-se na sua consciencia um relampago de justiça, e sentiu esmagado o seu orgulho de conquistador perante aquele cadaver que era uma grande lição de heroidade. Curvou-se sobre a morta, e com uma dobra do manto de Brafama, quiz limpar-lhe a mancha de sangue que empanava um pouco a formosura do rosto de Saluquia; n'esse momento o manto soltou-se, e tombou de occulta prega uma rosa branca, em cujas petalas havia nodos estranhos de côr avermelhada.

E a rosa caiu n'um deslizar suave sobre os labios frios da princeza moura. Era a rosa de Brafama, que este escondera junto ao coração, e que o golpe mortal da adaga de Alvaro Rodrigues aljofrava n'um orvalho de sangue. A flor cumpria a sagrada supplica do noivo de Saluquia. O sangue d'ambos misturou-se n'aquelle osculo fatal e perfumado, atrez das petalas de uma rosa de misterioso destino.

O capitão portuguez descobriu-se n'um gesto de respeito e ordenou homagens funebres, solenes, grandiosas, e como preito immortal ao ato de bizarro valor, proclamou que «Arucci-a-Nova» passaria a denominar-se: «a vila da Moura».

E assim, atrez dos tempos, das raças e das gerações vai perpetuando a minha linda e adoravel terra alemitejana, a lenda dolorosa de Saluquia, cuja imagem palida e formosa, eu sonho a debruçar-se no velho castelo m ruínas, pelas noites luminosas e odoríferas como aquela do seu noivado de morte, que o destino transformou na manhá vermelha de uma epopeia de supremo heroismo.

VITOR MENDES.



# O concurso hipico



1 e 2. Aspétos da assistencia.

O concurso hipico, que todos os anos costuma atrair grande concorrencia ao hipodromo de Palhavã, tambem nas provas ha dias realizadas reuniu o maior e mais elegante nucleo de espectadores que é possivel imaginar.

As tribunas tornaram-se um lugar de «rendez-vous» e todas as tardes as formosas lisboetas ali



se reuniram assistindo aos exercicios, na realidade brilhantes, que os mais distintos cavaleiros nacionaes disputaram, assim como um dos mais conhecidos do paiz visinho.

A algumas das provas assistiu o sr. Presidente da Republica que muito se interessou pelas varias fases do curioso espetáculo.



2. Alguns dos cavaleiros concorrentes. 3. Um aspéto do concurso hipico. (Clichés de Benolle)

## Os soberanos dinamarquezes em Paris

Os novos soberanos da Dinamarca tiveram em Paris a recepção condigna do descendente do general francez Bernadotte e de sua esposa, filha do grão-duque de Macklemburgo que tanto amou a França. O rei Cristiano X e a rainha Alexandrina

Além das festas officias, tiveram o acolhimento carinhoso do chefe d'Estado e as aclamações que esse povo parisiense jamais regateia aos seus hospedes illustres. De volta a Dinamarca esse rei joven e essa rainha amada irão passar o veião ao



foram á capital franceza e a sua viagem assegurou as boas relações do pequeno e prospero paiz com a mais florescente e aristocratica republica da Europa.

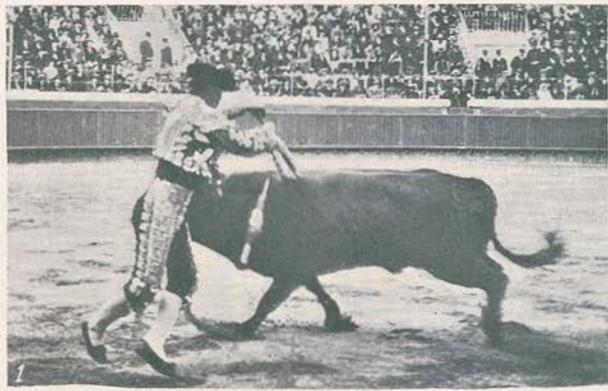
seu castelo de Skagen onde levam uma vida toda de simplicidade em contraste com as galas com que os recebeu a França das pompas e das grandezas.



1. A rainha Alexandrina da Dinamarca na carruagem com madame Poincaré.
2. O rei Cristiano X da Dinamarca ao lado de mr. Poincaré, presidente da Republica Franceza. («Clichés» Dellus).

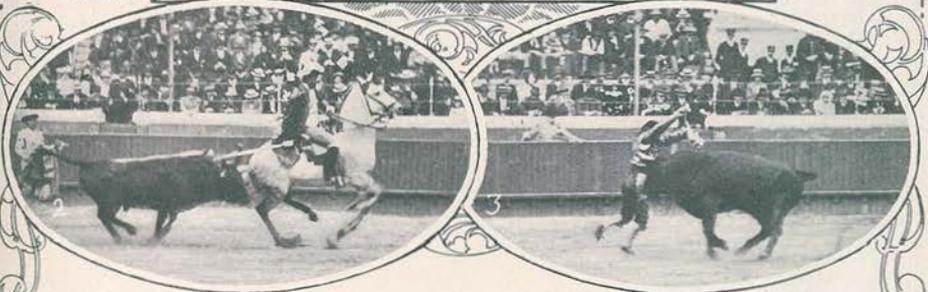
## A Tourada no Campo Pequeno

A tourada que se realizou no dia 17 no Campo Pequeno foi a melhor da época, sendo muito aplaudido, como sempre, o exímio cavaleiro José Casimiro assim como seu pae e mestre. O espada Faico conseguiu tambem as palmas da grandiosa assistencia de que partilha-



ram Ca-dete, Teodoro Gonçalves, Luciano Moreira, Tomaz da Rocha e Custodio Domingos que obtiveram uma verdadeira ovação.

Foi dada por Manuel Casimiro a alternativa a cavaleiro Rufino da Costa, cujo trabalho se tornou digno de elogios.



1. O espada Faico colocando um par de banderilhas a quarto.
2. O cavaleiro Pedro Rufino da Costa, a quem foi dada alternativa, depois de meter o ferro.
3. Faico com as banderilhas rematando um par de frente.



Uma valente péga por Antonio da Taberna. («Clichés» do distinto fotografo João Caneifa.



## GENEZARET

No paiz de Galil. O sol, caindo,  
Inunda em oiro os povoados sirios,  
Campos de rosas bravas e martirios  
E os bosques onde cresce o tamarindo...

Donzelas de perfil trigueiro e lindo  
Vão para a fonte. Os mercadores tirios  
Passam nos dromedários. Chovem lírios  
E purpura e topázios, refulgindo...

Lago de Tiberiade, ao sol-posto!  
Ametistas vogando sobre mosto!  
Poisam pelos terraços pombas mansas,

Estrelam-se as romeiras de vermelho,  
E no caminho, ao pé d'um cedro velho,  
Jesus fala às mulheres e às creanças...

CANDIDO GUERREIRO.

## Exposição de flôres no Palacio Cristal

Maio é o mez das flôres. Embalsamam agora o ar, brilham com as petalas nos jardins, dão alegria aos olhos nas montias e nas exposições que por toda a parte se vão

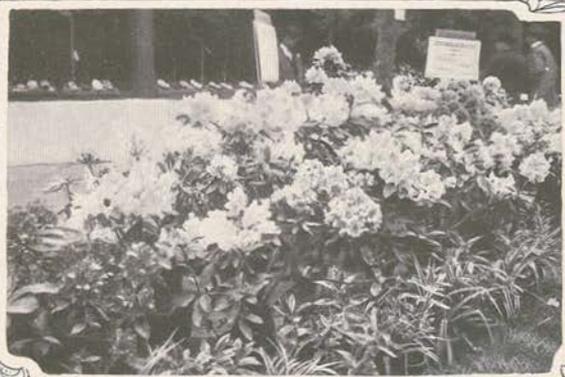
motivos notaveis são as instalações dos srs. Alfredo Moreira da Silva, Jacinto de Matos, Companhia Horticola, Hoto de Gervide que apresentaram magnificas colleções.

Ha verdadeiras novidades de rosas n'aquelle certamen sendo algumas d'uma beleza extraordinaria conforme o verificaram as gentis portuenses que com as suas lindas «toilettes» engalanaram com a sua presença aquella soberba festa das flôres no Palacio Cristal.

abrindo. Ha dias ainda era Lisboa que fazia a sua festa de flôres na Imprensa Nacional, depois o Porto que a realisou no Palacio Cristal tendo concorrido grande numero de expositores não só propriamente com lindissimas rosas e camelias, mas tambem com admiraveis plantas ornamentaes.

Por todos os

Um grupo de Rhododendron pertencentes aos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.



Vista geral da exposição de rosas no Palacio Cristal



Na extensa avenida das Tilias estiveram as mais belas mulheres do Porto assim como no recinto da exposição onde fa-



ziam um *pendant* encantador com as flores dos jardins portugueses que são dos mais lindos de Portugal.

1. Um grupo de begonias de folha ornamental, expositor Companhia Hortícola.—2. Uma mesa com flores pertencentes ao expositor sr. Jacinto de Matos



Um grupo de glicínias pertencentes ao Horto de Gervide  
(«Clichés» do distinto fotógrafo sr. Chalm Junlor).

# NO "SALON,, DE PARIS: Uma escultura de Ruy Bastos

Entre as obras de portugueses que estão atualmente expostas no Salon des Artistes Français, deve destacar-se um grupo em gesso «Les chiffonniers», do sr. Ruy Bastos, trabalho que não sendo ainda, como era licito esperar que não fosse, uma obra-prima, demonstra contudo qualidades men os frequentes e das mais preciosas.

Esse grupo tem vida, tem alma, tem vigôr.

Fazendo-o, o seu autor, quiz-nos comunicar alguma coisa: não é uma obra feita á sobre-posses, mas o trabalho, já pessoal, já audacioso, d'um artista sincero e eloquente.

O sr. Ruy Bastos, muito novo, é um artista que começa uma carreira que promete ser brilhante. Fez em Lisboa o seu curso na Academia de Belas Artes e teve por mestres em Paris, mrs. Bouchard e Landoswky. P. O.



1. 3 e 4. «Les Chiffonniers». 2. O escultor Ruy Bastos.

# ECOS DA VIDA MUNDANA DE ROMA

Amazonas e cavaleiros — O sport hípico



Realisou-se ha dias, em Roma um *congresso internacional feminista*, que decorreu sempre com enorme entusiasmo. Ao mesmo tempo, e como que constituindo uma admiravel *prova feminista*, efetuaram-se, na tão celebrada *campagna romana*, varios e arriscadissimos exercicios hipicos, nos quaes, francamente, as amazonastrionfaram dos cavaleiros!

As fotografias que obsequiosamente con-

seguimos obter d'essas brilhantissimas *provas feministas* (chamemos-lhes assim...) e que a *Ilustração Portuguesa* hoje gostosamente reproduz, dão uma ideia aproximada, mas uma palida ideia, da pericia excepcional das lindas e corajosas amazonas internacionaes da Cidade Eterna.

O leitor que compare os varios e arriscadissimos saltos e depois, ao apreciar-os, que julgue se é ou não verdade que as illus-



Varios aspéto dos exercicios hípicos na «Campagna romana»



cas, por entre calorosos aplausos do publico, que nunca falta em taes certamens, ávido sempre de saudar as amazonas... seguramente mais interessantes do que os cavaleiros.

Os officiaes da arma de cavalaria, como é natural, são aqueles que frequentam com maior assiduidade a aristocratica pista da Vila Borghese e aqueles que, nos concursos hipicos anuaes, occupam, de ordinario o primeiro logar.

tres damas suplantaram os briosos cavaleiros, mesmo os intrepidos officiaes italianos.

Em Roma, como em muitas outras capitães, não existe o costume lisboeta de passear a cavalo pelas ruas; passear a cavalo não é *chic*. Todos quantos cultivam por *sport*, a classica arte de *Martalva* dão-se *rendez-vous*, quasi obrigatorio, na pitoresca Vila Borghese; e ahi, n'uma pista improvisada para exercicios do *sport hipico*, as lindas amazonas, os garbosos cavaleiros e os intrepidos officiaes italianos, ora isoladamente, ora em grupos, tratam de treinar-se com *aficion* e de mostrar aos numerosissimos mirones que, em longa fila, os contemplam curiosamente e criticam a sua boa mão de redea, a sua agilidade e o seu *aplomb*.

Depois... encontramos as lindas amazonas e os garbosos cavaleiros nos formosos *concursos hipicos* de Roma, que diversas coletividades promovem com o mais decidido apoio do governo e do municipio, a disputar, com a tradicional galhardia *patriotica*, riquissimos premios e prestigiosas ta-



A arma de cavalaria é considerada em Italia a mais aristocratica, a ela pertencem muitos rapazes da mais autentica nobreza, — o que não é indifferente, n'uma cidade de d'exigencias protocolares, para imprimir a *nota do chic* a taes divertimentos eminentemente mundanos.

A *Ilustração Portuguesa*, com as suas gravuras, apanhadas no decurso d'algumas provas do *sport hipico*, mostra hoje aos seus amáveis leitores como não exaggeramos ao dizer-



Ihes que em Roma se cultivava a soberba arte de marialva com singular entusiasmo e que as lindas amazonas não temem o confronto com os briosos cavalleiros...



mulheres egualam, se é que não excedem, os homens.

Infelizmente — clamará indignadamente um antifeminista; mas que assim é, não resta duvida: — as foto-

Saltando um talude ao mesmo tempo.



Agora, que terminou o congresso feminista internacional de Roma, julgamos oportuno constatar, sem receio de qualquer desmentido, que no sport hipico, na velha Cidade dos Cesares, as



graças da Ilustração Portuguesa falam mais alto e melhor do que o tal antifeminista.

Não concordam?

E. G.

2. 3 e 4. Transpondo os obstaculos.

# Os escoteiros do liceu Pedro Nunes



1. Os escoteiros do liceu Pedro Nunes.

Em Portugal começa a desenvolver-se o escotismo havendo já formados seis grupos, um dos quaes vae agora a Hartings pagar a visita que os «boy-scouts» d'esta cidade fizeram no ano passado ao nosso paiz.

Nos lycées tem-se tentado desenvolver largamente essa tendencia utilissima e que tanto contribue para o rejuvenescimento da raça destacando-se entre elles o grupo formado no liceu Pedro Nunes e que tem o numero tres.

Com boas vontades indiscutíveis, á força de trabalho e perseverança conseguiu-se já muito e isso ficou comprovado na fórma como decorreu a excursão feita a uma quinta a quatro quilometros do Seixal.



Durante quatro dias os rapazes ali estiveram praticando todas as regras do escotismo, que no fim de tudo são as capazes de tornarem um homem util ensinando-lhe desde a infancia não só os desportos, mas habituando-o a valer-se dos recursos naturaes applicados longe dos centros civilisados.

Decorreram magnificamente esses dias assim como os exercicios que os rapazes realizaram na esplendida propriedade ce gentilmente para tal fim.

Os «elichés» que acompanham estas linhas foram tirados pelo guia do grupo o distincto estudante sr. Oom.



2. A cozinha no campo. 3. Atravessando a ponte de corda por eles construida. 4. A volta ao povoado: os escoteiros com o carro. 5. O acampamento.

# A GUERRA NO MEXICO



4. O presidente Wilson dos Estados-Unidos  
5. O presidente Huerta, do Mexico



9



10

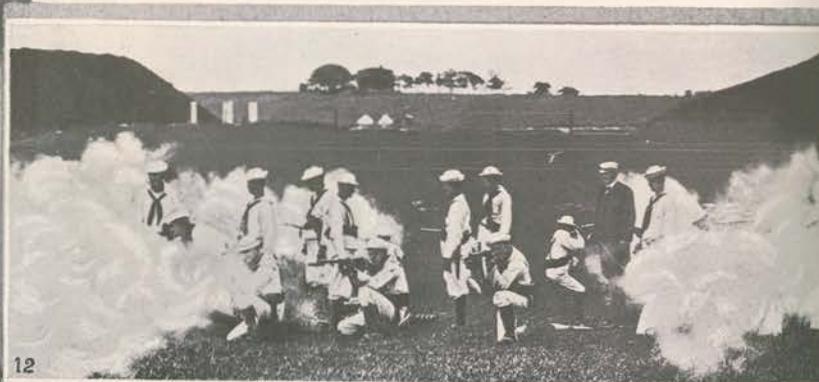


11

1. General mexicano Carranza, governador de Coahuila.—2 O general mexicano, Villa.—3. O almirante americano Rodgers.—9. O movimento de tropas em Tampico.

10. Uma ambulancia das tropas dos Estados-Unidos

6. 7. e 8. Tres chefes revolucionarios mexicanos: Medina, Fierro e Ortaiga.—11. O exercito americano em acção.



12



13

12. Os marinheiros americanos n'um desembarque.

13. Atirações mexicanas em Tampico.

# FIGURAS E FACTOS

Vieram a Lisboa, para interessar o commercio e industria na exposição do Panamá, os illustres açorianos srs dr. José de Sousa Be.



Os productos nacionaes serão ali collocados em excellentes condições e, como é Portugal um dos paizes que mais



1. Sr. J. A. Silveira. 2. Sr. dr. J. S. Be-tencourt. 3. Sr. F. J. Lemos. 4 e 5. Aspetos do canal Panamá.

tencourt, Francisco Inacio de Lemos, advogado e Joaquim Antonio da Silveira, presiden-

tem a lucrar com a abertura do canal do Panamá, o serviço, que aqueles illustres açoreanos, residentes na California, nos prestam, é inestimavel. Da parte do commercio e da industria, não podia ser mais lisonjeiro e mais entusiastico o acolhimento recebido.



te do Banco Portuguez, residentes na California e que tanto honram o nome portuguez na grande republica norte americana pela sua inteligencia, atividade e patriotismo.



Fernando Correia, esgrimista portuguez

O distinto esgrimista portuguez sr. Fernando Correia obteve em Barcelona, assim como o seu colega Ruy Mayer, uma grande vitoria que é grattissimo registrar. Foram classificados em primeiro logar e bateram o primeiro Lippmann, Lelten e Aldo Naddi e segundo Prejelan e Nedo Naddi.

O emprezario do «Chiado Terrasse», o bondoso e intelligente Sabino Correia, acaba de sofrer uma grande perda com a morte de seu filho, o distinto estudante da escola medica Sabino Luiz Correia, que foi viti-mado pela doença n'um cur o espaço de tempo. O coração extremo de Sabino Correia passou por um rude transe no qual encontrou as condolencias sinceras dos seus numerosos amigos.



Sabino Luiz Correia recentemente falecido

Alguns transmontanos residentes em Angola fundaram um club onde se reu-nem e evocam a sua linda terra distante, as suas montanhas, as suas nevadas ali tão longe, no coração d'África, com uma saudade dia a dia mais funda.

O transmontano, porém, é rijo e em-prendedor, tei-moso, persis-



tente e em-quanto espera vencer não se deixa domi-nar. Por isso n'esse club transmontano d'Angola, ao mesmo tempo que se evocam as campinas da provincia, criam-se auxilios entre compatriotas para a luta pela existencia n'aquelas pa-ragens.

Direção do Club Transmontano de Angola: 1.º plano (da esquerda para a direita) srs. João Carlos Rodrigues Coelho, 1.º secretario; Carlos Filipe Saraiva de Aguiar, presidente; João Manuel Santos Doutel, 2.º secretario; 2.º plano: srs. Antonio José Leite, Francisco Manuel Teixeira, José Joaquim Alves d'Almeida, Caetano Teixeira Pirez, vogaes, Manuel d'Almeida, tesoureiro.

Faleceu o grande estadista hespanhol Montero Rios que foi lente da Universidade, deputado e ministro em varias situações politicas n'aquelle paiz.

Com o governo do general Prim occupou a pasta da justiça deixando o seu nome ligado á reforma do Codigo Penal e á autorisação do casamento civil. Quando o rei Amadeu renunciou ao trono acompanhou-o a Lisboa conservando-se alheado da politica até á queda da Republica. Logo que se fez a restauração entrou no ministerio Sagasta.

Nomeado senador, Eugenio Montero Rios foi escolhido para a presidencia d'essa Camara e em 1904 teve a presidencia do conselho abandonada sem pena diante dos acontecimen-



O grande estadista hespanhol Montero Rios recentemente falecido.

tos de Barcelona que originaram a lei de jurisdicções.

Deixou a presidencia do senado no ano passado por não concordar com a politica de Romanones que buscava aprovar a lei das comunidades.

Recolheu-se então algum tempo á sua linda casa de Lourizán, em Compostela, onde nascera.

Sentindo-se prestes a morrer renunciou ao Tosão de Ouro que lhe dava direitos a honras de príncipe assim como ao colar de Carlos III.

O seu funeral foi, pois, modesto, indo o grande estadista descansar na terra onde nasceu.



Geografia, teve o distinto conferente uma assistencia numerosa e escolhida e no Porto do mesmo modo os intellectuaes honraram com a sua presença a demonstração eloquente e erudita do sr. dr. Arribas y Turrul que deve ter levado de Portugal gratas impressões.

O sr. dr. Arribas y Turrul, distinto homem de letras do paiz visinho, veio a Portugal fazer algumas conferencias com o fim de demonstrar que o grande Cristovão Colombo nasceu em Pontevedra conforme se marca nos estudos do illustre historiador galego D. Celso de la Riega. Em Lisboa, na Sociedade de



As conferencias do sr. dr. Arribas y Turrul, no Porto. No salão do Ateneu Commercial do Porto. Da esquerda para a direita: srs. dr. Arribas, dr. Antonio Luiz Gomes; José Rodriguez, presidente do Centro Hespanhol; dr. Francisco Joaquim Fernandes, presidente da Assembleia geral do Ateneu; dr. Mario d'Oliveira secretario; José da Silva Reis, presidente da direcção; Agostinho Leão e Alvaro Frederico Braga, membros da direcção.—3 srs. Francisco Rial Novas, Rafael Lourido Carlos, Angel Garcia, José Filgueira Rey, José da Silva Reis, presidente da direcção do Ateneu; José Rodriguez, presidente do Centro Hespanhol; dr. Henrique de Arribas y Turrul, conferente; Vicente Sanchez; Eugenio Sendin; Adellno Funhaz Magan e Francisco Sanchez. (Cliches tirados no Centro Hespanhol do Porto na noite da festa de recepção e conferencia a magnesto da Foto Electrica).

# A festa operaria em Alemquer



Em Alemquer fez-se solenemente a festa do operariado com um grande cortejo em que tomaram parte todas as coletividades d'aquela vila, celebrando assim o 1.º de maio.

Por todos os motivos aquela festividade foi digna de quem a realisava n'um ideal de paz como

é esse que o operariado almeja para melhorar as suas condições de de existencia.

Em todas as terras do paiz, onde existem associações de classe, se comemorou do mesmo modo essa data das reivindicações pacificas dos trabalhadores que por todo o mundo se unem.

1. Carro da casa comercial A. Pires Fevreiro Sucessores. 2. Carro da fabrica de lanifícios «Chemina».



3. Carro da fabrica de lanifícios «Fabrica do Papel». 4. Carro d'agricultura do sr. marquez de Castelo Melhor.

## UMA NOVA INDUSTRIA

### O trabalho das folhas de Fourcroya

Uma industria nova se está desenvolvendo em Cabo Verde mercê das grandes qualidades de trabalho d'um habil agricultor e mecânico estrangeiro mas bem amigo da nossa colonia, o mr. Jules Bounaffoux. Trata-se do cultivo e desfibramento da planta chamada «fourcroya» e que tem um grande emprego no fabrico de cordas e de tecidos grosseiros, sendo hoje abundantissima na região.

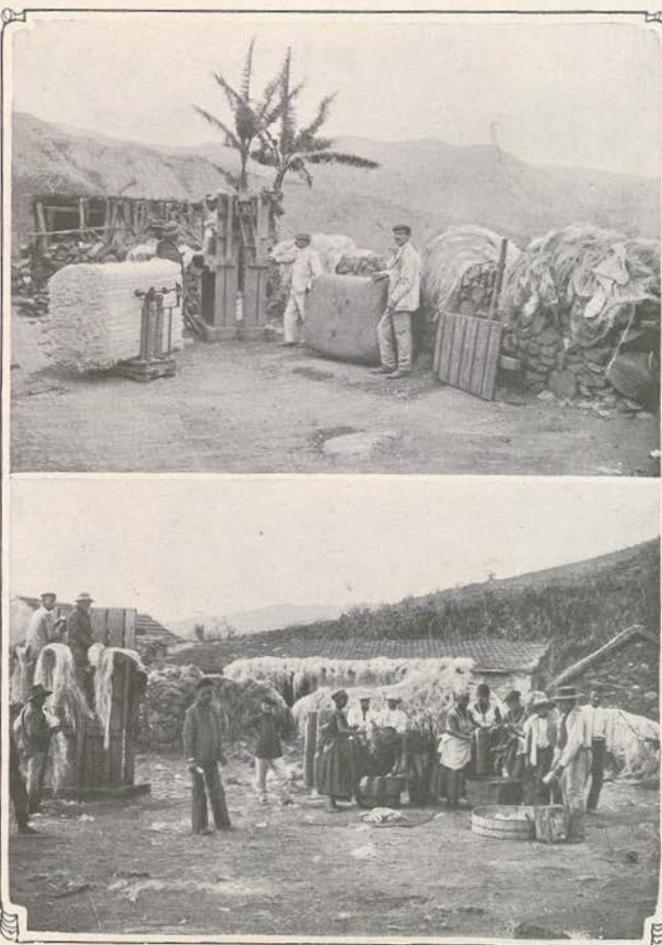
Ha varias especies da planta, talvez umas dez, mas a mais util e celebre é a que se chama «pitta» ou «altes pitta» que sendo como as outras, originaria da America, foi introduzida em França e agora na nossa colonia com um exito sem igual o que assegura um completo successo á industria nascida do seu cultivo em larga escala.

Pertencem ao estado os terrenos onde o sr. Jules Bounaffoux vae fazer as suas experiencias e é-lhe assegurada por seis anos a sua exploração. Desde o primeiro momento começou a plantar a «fourcroya» em larga escala e no tempo das chuvas deve haver um resultado espantoso. São milhares de pés que já se mostram nos campos começando ao mesmo tempo a falar-se em plantações feitas por conta do estado, á imitação das que o agricultor tem realisado, devendo em 1917 produzirem, os quinhentos hectares que se cultivarem, setenta toneladas de fibra que ao preço de cento e cinquenta escudos por tonelada farão o rendimento bruto de cento e cinco contos.

E' já um meio para se empregarem muitos braços; operarios da ilha e mesmo de fóra poderão ali encontrar emprego pois alem propriamente da cultura ha tambem os maquinismos para a desfibração e que carecerão de pessoal habilitado para essa tarefa.

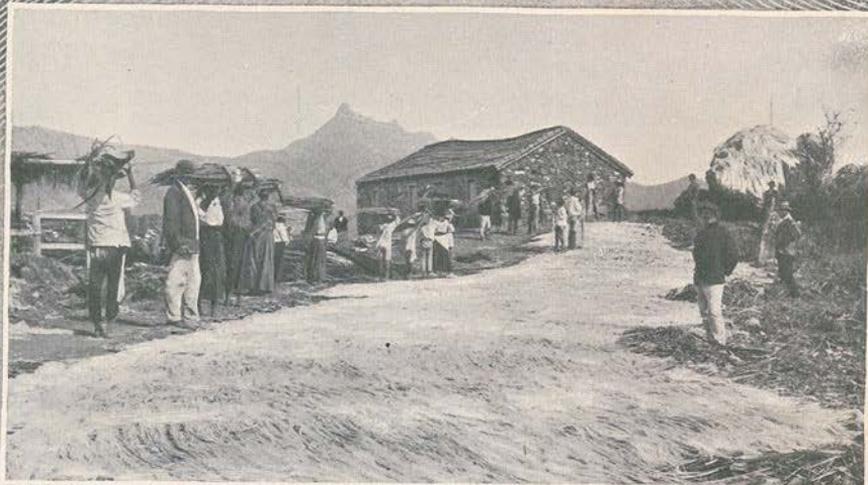
A iniciativa que o mr. Jules Bounaffoux tomou, pareceu ao começo não dar resultados ou pelo menos assim o julgaram alguns. Dentro em pouco o successo desmentia por completo as más profecias e a industria da «fourcroya» começou a ser uma coisa inteiramente florescente.

Tambem desde logo se pensou em imital-a e dentro em pouco Cabo Verde terá um rendimento



1. A embalagem da fibra obtida por mr. J. Bounaffoux, das plantas de «Fourcroya».—2. Lavagem da fibra das folhas da «Fourcroya» nascida espontaneamente na ilha e aproveitada por mr. J. Bounaffoux para varios mercados estrangeiros.

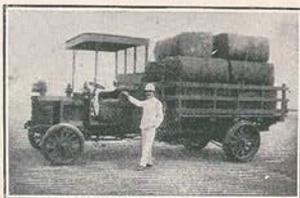
notavel com essa planta e com a sua exploração. Pequenos proprietarios pensam já em seguir aquele exemplo tanto mais que encontram da parte do sr. Bounaffoux a melhor vontade para os auxiliar, o mais largo e bem



Secagem da fibra da «Fourcroya na ilha da Santiago

conduzido ensino.

Os maquinismos empregados na exploração d'essa industria são esplendidos fazendo com uma rapidez enorme não só o desfibramento mas também a preparação da planta cujas aplicações de dia para dia aumentam devendo ser d'uma grande utilidade para aquela



Locomotiva para o transporte dos fardos de fibra do Interior da ilha ao porto da Praia.

nossa colonia. O governo, vendo os resultados obtidos logo autorisou que nos seus terrenos se fizesse a cultura e exploração com pessoal escolhido, e como dissemos dentro em alguns anos terá colhido, com os resultados praticos, outros que serão uma compensação moral á sua deliberação.



O trabalho de desfibrção das folhas de «Fourcroya»

# A exposição de Belas Artes



A Sociedade Nacional de Belas Artes nunca apresentou uma exposição como a d'este ano em que perto de quinhetas telas, esculturas, aguarelas, desenhos e projetos prendem as atenções dos centenares de visitantes que diariamente ali passam sentindo como ha um grande impulso nas artes nacionaes ou pelo menos uma boa vontade enorme para se conseguir erguel-as.

Os mestres dão o exemplo expndo os seus melhores trabalhos; dão assim um incentivo aos novos que em grande numero affluiram á exposição. Dá gosto constatar essa verdade.

Columbano, Malhõa, Salgado, Carlos Reis, João Vaz, Cordeixa, Girão, a pleiade consagrada, abre o caminho; os outros seguem-na.

Além dos retratos de Teixeira Gomes, Teixeira de Queiroz, sr.<sup>a</sup> D. M. J. B. M., Bulhão pato e Frederico Ribeiro, expoz Columbano



1. Columbano. «Retrato de D. M. J. B. M.» («Cliché» J. Coutinho.) 2. Carlos Reis. «Retrato de Mademoiselle E. da S. G.» 3. José Malhõa: «Saboreando» 4. Veloso Salgado. Alguns trabalhos que expoz e entre eles o retrato do professor sr. Francisco Bahia.

novidades de paisagem e também pinturas singulares de vegetaes como a «Couve» que o chefe do Estado adquiriu. Malhó, que na exposição anterior continuara a marcar a sua linha de grande artista, apresenta-nos um lindo quadro, flagrante, verdadeiro, como são os seus, intitulado «Saboreando» e no qual um aldeão se vae deliciando com apetitosas talhadas de melão, emquan o o publico se delicia ao vêr a coloração fiel que o artista lhe deu.

Salgado apresentou retratos do professor Bahia e do arquiteto Ventura Terra, além de paisagens do norte. Carlos Reis apenas o retrato de mademoiselle E. S. G. Gyrão as



1. Condeixa. «Vindima»
2. Alves Cardozo. «Retrato do ator Carlos Santos»
3. David Melo. «Velha»

suas aves encantadoras que lhe deram a reputação d'um grande animalista e Condeixa algumas paisagens cheias de pitoresco. Depois veem em destaque Alves Cardozo com uma grande quantidade de belos trabalhos entre os quaes se destacam os retratos do ator Carlos Santos, de R. Lacerda e Arnaldo Ressano Garcia. David Melo expõe uma interessante «Velha», Abel Santos com as suas paisagens, ainda outros de igual valor e alguns principiantes dão vulto á exposição.

Muitas das mais distintas artistas e amadoras do nosso meio tambem expuzeram va-



2. «A' sombra da arvore frondosa Baroza-Lelria» quadro a oleo de J. Ribeiro Cristiano.

Munró, D. Maria Monteiro, D. Beatiz Rollin, que se esforçaram por dar aos seus trabalhos



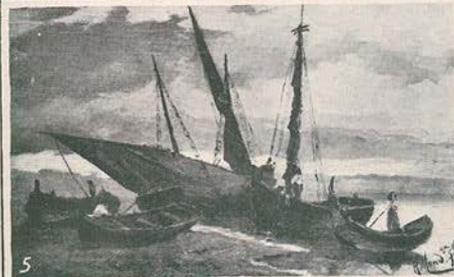
1. P. Guedes. «Retrato da sr.<sup>a</sup> D. Barbara Ventura.

3. A. Benaros. «Lucinda Simões.»

rias telas em que a delicadeza feminina e a nota pessoal se marcou, como nos trabalhos da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Lima Cruz a «Sonata de Mozart», na «Violinista» e «Manhã no jardim da Estrela» de D. Filomena Freitas e nos passeis da mesma senhora «Minha mãesinha» e «Cabeça de estudo» cheios de notas vivas Milly Possoz, D. Zoé Batalha Reis, D. Sara Bramão expõem respectivamente interessantes trechos de arte, como sejam os «Crisantemos», «Dia de festa», «A carta», etc. assim como as senhoras D. Branca d'Assis, D. Sofia Barlein, D. Margarida Costa, D. Fanny



côres de verdade. Ainda uma pleiade d'artistas cujos nomes é difficil citar n'um curto artigo, pois mais d'uma centena ali concorreu, vem acudir a demonstrar todo o interesse que a arte vae despertando. Aparecem trechos notaveis de Bemvindo Ceia, Adriano Costa, Dordio Gomes, Martinho da Fonseca, Higino Mendonça e outros assim como a pintura caracteristica e bem pessoal de Saude e Trigo-so, paisagens belgas e algarvias onde os olhos se prendem. Simão da Veiga surge com um belo retrato; Alberto de Lacerda com algumas telas que lhe asseguram futuro e



4. Abel Santos. «Fruto proibido.» 5. Higino Mendonça. «Marinha» 6. Fernando Santos «Casas de pescadores»



1. Simões d'Almeida Sobrinho: «Busto de mulher em mármore». 3. Julio Vaz Junior, «Busto do sr. dr. Eurico de Seabras». 5. Artur Prat, «Busto do sr. M. J. O.».

assim Bonvalot, Esteves, Ribeiro Junior, Trindade Chagas, Romero e uma serie prometedora de artistas que hão de continuar brilhantemente as tradições tão nobres da arte portugueza.

Além de pintura a oleo



7 Costa Mota, Sobrinho, «Guardadora-de Patos» segundo os versos de Eugenio de Castro. 8. Costa Mota «Meditação». 9. José Neto «Leão em bronze.»

2. Costa Mota, «Busto em mármore». 4. Julio Vaz Junior, «Busto do sr. dr. Aurelio da Costa Ferreira». 6. Julio Vaz Junior. «A avó».

ha na exposição as secções tambem excellentemente tratadas de pastel, aguarela, desenhos e artes decorativas onde se mostram trabalhos interessantes de D. Branca d'Assis, D. Suzana Sagastume, D. Berta



Garde, Milly Possoz e outras, Benarus, Porfirio e Bemvindo Ceia.

Na arquitetura, Lino de Carvalho expõe projetos d'uma igreja paroquial e d'uma cozinha economica e Eduardo Tavares, que foi quem ganhou o quarto premio do monumento a Pombal, um «Palacio da Representação Nacional», um



«Viaduto», etc. Resta a escultura que embora não tenha a representação dos mestres, á excepção dos trabalhos de Costa Mota, o autor consagrado do monumento a Afonso d'Albuquerque, como o busto da duqueza de Palmela, mostra bocados interessantes que outros nomes tambem conhecidos assinam.



1. Martinho da Fonseca: «Dama Inglesa».—2. Bonvalot: «Deixal vir a mim as creancinhas».—3. E. Romero: «Coro dos Seminarios».—4. Arnando de Lucena: «Aldela alentejana».—5. João Reis: «Velha alpendrada».—6. E. Catalá: «Saveiros».—7. D. Rebelo: «Natureza morta».—8. Aires Mesquita: «Natureza morta».



1. Milly Passoz: «Impressão». — 2. D. Sara Bramão: «Retrato de madame Suarez». — 3. Alberto de Lacerda: «Cabra-egra». — 4. Joaquim Lopes: «No Jardim». — 5. Simão da Veiga: «Retrato de minha mulher». — 6. D. Filomena Freitas: «Violoncelista». — 7. Azevedo e Silva: «Namorando».

Costa Mota, sobrinho tem uma estatueta encantadora, a «Princesa guardadora de patos»,

cheia de frescura e emoção; D. Alda da Cunha, um «Gaioto de jornaes» interessante; Simões



d'Almeida Sobrinho, com o arquiteto Tertuliano Marques, o seu projeto de monumento pombalino Vaz Junior, varios trabalhos entre os quaes se destacam a «Avó» e o busto do dr. Aurelio da Costa Ferreira, e José Neto, um bem feito leão de bronze Artur Prat, que ha doze anos não expunha e que (um artista erudito e emotivo, apresenta na pintura telas como as do «Rebanho», «Interior da forja»,



tuguez n'esta sua feição. Expõem tambem os srs. Canto e Castro, Ernesto do Canto e Henrique Moreira, alguns trechos de valor. Não é n'uma simples volta pela exposição de Belas Artes este ano que se podem ver todos os interessantes trabalhos ali expostos e que são nume-



1. E. Viana: «O S. João».—2. Francisco Esteves: «Pescador algarvio».—3. Artur Prat: «Um rebanho» (manhã de nevoa).—4. Narciso Moraes: «Flando».—5. D. Adelalide Lima Cruz: «Sonata Mozart».—6. Ribeiro Junior: «Preto tocando.» («Clíchê» de Beno Iel)

«Batega d'água» e «Dolorosa» que lhe asseguram os credits e na escultura o busto do «sr. M. J. O.» e o «Sonhando» que o revelam ao publico por-

rosissimos e por isso, estando aberto o certamen durante os dias e algumas noites, o publico tem afluído ali em grande quantidade.

# FIGURAS & FACTOS

A sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Souza Costa acaba de publicar um livro admiravel para as creanças intitulado «Primeiras Lições» e que Hipolito Colomb illustrou. São dezenove contos magnificamente escritos e de-



correram brilhantemente e atrairam grande numero de forasteiros terão no ano proximo mais o atractivo da inauguração da estatua do grande patriota e illustre general.

quenos, ao qual o livro da distinta escritora é destinado.

Sá da Bandeira o legendario heroe das guerras liberaes, o bravo insigne da pleiade de que fizeram parte Terceira e Saldanha, vae ter o seu monumento em Santarem como já o tem em Lisboa.



O projeto da estatua do Marquez de Sá da Bandeira que vae ser erigida em Santarem. Trabalho de Simões d'Almeida.

2. Sr.<sup>a</sup> D. Georgina Correia de Souza, detentora da Taça de honra «Galinha-coes» que lhe foi conferida na exposição d'avicultura.

dicados á moral e ao civismo, a 3. Um dos expositores d'avicultura premiado na exposição: J. Correia de Souza detentor da Taça d'honra de «Colombinos».



As festas da cidade de Santarem que de-



1. A sr.<sup>a</sup> D. Emilia de Souza Costa, autora do livro «Contos Infantis».

5. Um aspêto do comício em que os caixeiros trataram da redução das suas horas de trabalho e que se realisou na Avenida Almirante Reis. («Clichê» de Benollet)



1. Um aspeto da feira da Rotunda: A barraca da Associação dos Trabalhadores de Imprensa.  
2. A incorporação dos novos recrutas em infantaria 2.

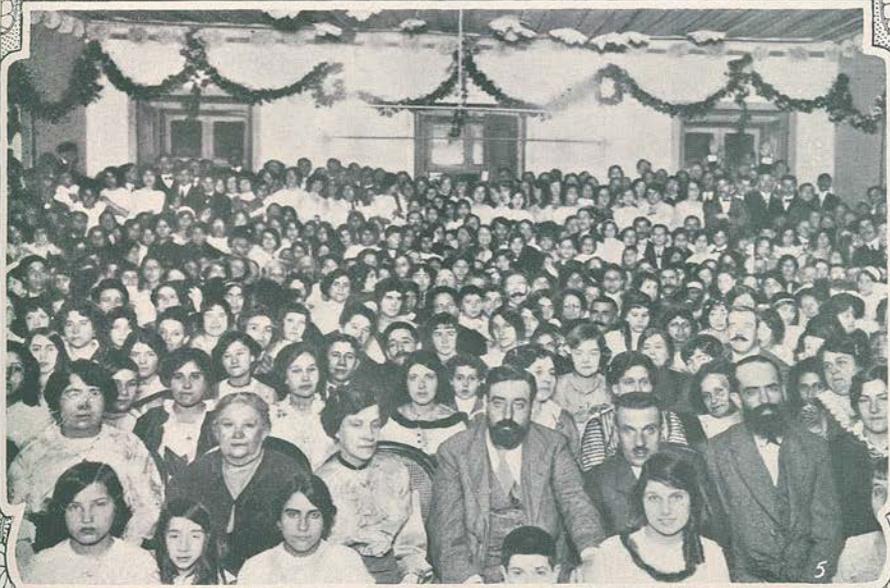
O juramento dos recrutas em infantaria 2 foi um ato digno do regimento que o celebrava e ao qual assistiram todos os officiaes e muitas pessoas das suas familias. Ao juramento seguiram-se algumas diversões que admiravelmente impressionaram os assistentes.



escolares ultimamente realizadas e que mais interessou os seus espéctadores foi o sarau das alunas e alunos das escolas normaes, o qual fez juntar no edificio do Calvario grande numero de pessoas a aplaudir as canções, as recitações e os trechos musicaes interpretados e executados pelos estudantes.

Uma das festas

Na recita dos alunos da Escola Normal: A comissão organizadora.



Um aspeto da assistencia na recita dos alunos e alunas das escolas normaes.—(«Clichés» de Benolle!).

# TEATROS



## A semana teatral:

No **Teatro Nacional** repetiu-se, em espetáculo extraordinário, a representação do «Auto do Fim do Dia» que na semana passada, na recita da Escola de Arte de Representar, constituiu um verdadeiro sucesso, pelo lirismo do poema, a delicada inspiração de música e a novidade de encenação. Em tres rápidos, em tres deliciosos quadros, que são tres lindas aguarelas rusticas, passa, atravez do canto das ceifas, dos amores das raparigas, dos idilios do entardecer, a poesia, viva e triste, da nossa Beira das cantigas e das eiras. E, tantos dias depois, ainda nos nossos olhos e nos nossos ouvidos vibra a emoção de juventude e de frescura da doce ecloga de Correia d'Oliveira, que o rancho alegre das raparigas e dos rapazes da nossa Escola de Teatro impressivamente evocou e cantou no cenario de trigos doirados, pintado por Manini...



No **Teatro da Republica** continuou o sedutor talento de Rosariõ Pino a sorrir-nos em Benavente, Quinteros, Martinez Sierra e Ramos Carrion.

O **Ginasio**, esse, deu-nos agora uma peça de Hennequin e Bilhaud, que Tito Martins traduziu com o titulo «As Honras da Guerra». São tres atos de franco «vaudeville» francez que tem a novidade de girar em torno de dois adultérios... que não chegam a consumar-se. Mas, para o efeito da movimentação, da intriga, da malicia, sempre graciosa, do dialogo e da audacia parisiense das situações, é tal qual como se se consumassem.

No **Coliseu dos Recreios** o sr. Antonio Santos bate o «record» das celebridades, imprimindo no seu cartaz os nomes de Viñas, Darclée, Saint-Saëns e Galvany.

Não se pode dizer que não tenha havido e não haja, neste brando maio, treatros para todos os paladares.

A. DE C.

1. O tenor Francisco Viñas que faz parte da Companhia de Opera do Coliseu dos Recreios. 2. A grande atriz Harclée Darclée que canta atualmente no Coliseu dos Recreios. 3. Saint-Saëns, o eminente maestro que regerá a sua opera «Proserpina» e «Sansão e Dallia». 4. «O auto do fim do dia», representado pelos alunos da Escola d'Arte de Representar no teatro Nacional. 5. O ator Mendonça de Carvalho e a atriz Elvira Bastos na peça as «Honras da Guerra» no teatro do Ginasio. — («Clichés» Benoitel)

# EU CURO A HERNIA

SEM O USO PERMANENTE DA FUNDA

Se V. está herniado ou conhece alguém que padeça de hernia, o meu método, de cura deve interessar-o. O meu método difere de todos os outros, no que não só contém toda a classe de hernias em uma forma continua e segura com perfeita comodidade mas também faz formar um novo tecido na abertura da hernia, unindo assim o lugar roto, produzindo uma cura perfeita e permanente. Nenhum outro método fará o mesmo. Já tenho provado por varias vezes que o meu método de cura depois das operações cirurgicas terem fracassado. Os meus pacientes curados tem-se exposto a exercicios fisicos mais rudes, os quaes submetido a conhecimentos medicos, os doutores certificarão a cura. Nenhuma pessoa herniada é muito jovem ou muito velha nem nenhuma hernia é tão grave que não tenha cura.

Entre os muitos que se tem curado encontram-se os Srs. D. E. Rodrigues de Lima, morador na Rua dos Amozos, AVEIRO, Portugal, commerciante de 34 anos de idade, e o Sr. D. D. Luiz da Mata, ENVENDOS (Beira Baixa) Portugal, um commerciante, que estava herniado havia 5 anos.

Não se demore V. a escrever-me quanto antes pedindo-me detalhes acerca do meu método, e eu enviar-lhe-hei tambem uma amostra gratuita do meu medicamento franco de portes. Escreva-me já, antes que a sua hernia chegue ao estado de se estrangular e que uma operação seja o unico meio (não certo) de salvar a sua vida. - DR. W. S. RICE (S 825), 8-9, STONECUTTER ST., LONDRES, E. C., INGLATERRA.



## A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recommendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamentamento e durante o periodo do desenvolvimento. *Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhêa, tão frequente nas crianças.*

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e EM TODAS as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

## Le Chevalier d'Orsay

Este perfume se harmoniza com o aroma do charuko  
D'ORSAY, 17, Rue de la Paix, PARIS



## Fabrica Palmeira

49

TELEFONE 17

SUCURSAL—Ver-o-peso

Telefone 526

Caixa Postal 206

*A primeira do Norte do Brazil, montada com todos os aperfeiçoamentos, satisfazendo as maiores exigencias nos artigos de seu ramo.*

SECÇÕES DE

*PADARIA, CONFEITARIA, BISCOUTARIA, TORREFAÇÃO E MOAGEM DE CAFÉ, REFINAÇÃO MECANICA DE ASSUCAR, MANIPULAÇÃO DE CHOCOLATE, MOAGEM DAS FARINHAS DE MILHO, ERVILHA, TRIGO, FEIJÃO, ARROZ ETC.;*

Importante secção de Massas Alimenticias, onde se fabrica o afamado macarrão em pacotes, o unico que rivalisa com o Italiano, obtendo a medalha d'ouro na Exposição de Turim, em 1911. Fabrica-se tambem Bombons, Amendoas, Cacau-Leite em latas e sortimento completo de Biscoitos. Encontra-se á venda grande sortimento de cartonagem propria para presentes.

Rua Paes de Carvalho, n.ºs 6 a 16—PARÁ

Sabonete preparado com os saes d'ns. Aguas



de Mizella

o melhor para a pelle

Comprem a seda

Swiss



Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suissa desde Francos 1,25 o metro, em preto, branco e côr.

Vendemos as nossas sedas de solidez garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E 11 (Suissa)

Exportação de sedas.

